Trabalhos de conclusão de curso - Teologia.
Teologia - Trabalho de conclusão de curso
ICESPI - Trabalhos Monográficos
Teologia - Monografias Acadêmicas

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
ICESPI

WAGNER FRANCISCO DE SOUSA CARVALHO

O PARADIGMA DA ECOLOGIA NA TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Cod 3247
C230
C331p

ICESPI - Biblioteca
7809 | 17/09/2012

TERESINA
2011

WAGNER FRANCISCO DE SOUSA CARVALHO

O PARADIGMA DA ECOLOGIA NA TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI, como pré-requisito para conclusão do curso livre de Teologia, sob orientação do Prof. Ms. Pe. Osório Barbosa Teixeira Neto.

TERESINA
2011

WAGNER FRANCISCO DE SOUSA CARVALHO

O PARADIGMA DA ECOLOGIA NA TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI, como pré-requisito para conclusão do curso livre de Teologia, sob orientação do Prof. Ms. Pe. Osório Barbosa Teixeira Neto.

Data de aprovação: _____de _____ de 20_____

_____
Prof. Ms. Pe. Osório Barbosa Teixeira Neto.
Orientador

_____
Examinador 1:

_____
Examinador 2:

Conceito: _____

Á minha família, primeira forma de revelação do Mistério de Comunhão da qual participei, e à qual serei eternamente grato, por me ensinar a força e a fraqueza do amor, bem como sua capacidade de se refazer a cada dia.

Agradeço a Deus por me conceder a graça de Lhe conhecer não somente pela fé, mas também pelos estudos como o Criador de todas as coisas.

À Diocese de Picos, o senhor Bispo Dom Plínio, ao "Projeto Amigos do Seminário" que proporcionaram a minha formação ao lado da minha família.

À paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, meu pároco, Padre Antônio Mendes, Pe. Adalto que, de modos diferentes, me motivaram pelo encanto das coisas do Reino de Deus.

Aos companheiros de caminhada que conviveram comigo, sentindo os mesmos desafios e anseios. Agora, cada um segue seu caminho, deixando e carregando cada um dentro de si.

Ao prof. Padre Osório, por sua dedicação e colaboração no decorrer deste Trabalho, recordando suas orientações espirituais nos meus anos de Teologia.

Aos Formadores e aos demais professores do ICESPI por compartilharem comigo os seus conhecimentos me ajudando a aproximar das Verdades Últimas de todas as coisas.

Aos Amigos e Amigas que a Providência nos apresentou, pelo "impagável" olhar de esperança que me presenteiam e com o qual tenho uma dívida eterna.

O mundo é a gramática de uma possível autocomunicação de Deus. (KARL RANHER)

RESUMO

CARVALHO SOUSA, Wagner Francisco de. **O paradigma da ecologia na teologia contemporânea.** Trabalho de Conclusão do Curso – TCC. 52f. 2011. Curso Livre de Teologia. ICESPI. Teologia.

Este Trabalho de Conclusão tem por objetivo apresentar o paradigma da ecologia na teologia contemporânea. Destaca-se, inicialmente, a evolução histórica da sociedade, tendo o homem como objeto indispensável para se entender a questão em estudo para depois definir propriamente o que é a ecologia e suas divisões. Deste modo, emerge a identificação de que a crise ecológica não é apenas uma crise ambiental, mas social e, por não dizer religiosa, uma vez que a mesma acentua a postura do homem em relação com Deus e a sua criação, pois ele em sua função de co-criador despertou seu agir dominante muito mais do que a sua atitude de admirador levando, aos poucos, certo desencanto pelas obras do Criador e, como modo de justificar sua ação, apontou a religião judeu-cristã como a principal responsável afirmando está nos primeiros capítulos da Bíblia que o homem devia submeter e dominar a terra (Gn 1, 28). No entanto, o paradigma proposto pela ecologia é mostrar a necessidade de uma teologia ecológica a fim de refletir o cuidado sobre a vida nas suas diversas maneiras de se manifestar. O homem faz parte da criação, mas ele é ontologicamente diferente, por isso, a sua missão é preservar e condicionar meios nos quais não se prevaleça à atitude do mais forte. Assim sendo, a ecologia não se apresenta como um movimento em defesa de uma natureza intocável, nem é um ofuscamento do homem ou uma condenação de sua maneira de agir, tampouco, um "endeusamento da natureza", invertendo os valores e os cuidados, ela aspira, na verdade, pelo questionamento das atuais relações e sistemas em que a humanidade hoje está inserida e, que por sua vez, não correspondem adequadamente aos desafios postos por ela mesma. Isso implica atitudes tendo como princípios, por exemplo, a interdependência, a responsabilidade e o cuidado como fontes de uma espiritualidade cósmica geradora, portanto, de uma restauração da comunhão e da relação do homem com a natureza e com Deus.

PALAVRAS-CHAVES: Deus. Criação. Natureza. Homem. Ecologia.

ABSTRACT

CARVALHO SOUZA, Francisco de Wagner. **The paradigm of ecology in comtemporany theology.** Completion of course work – CCW. 52f. 2011. Free course of theology. ICESP. Theology.

This Work aims to present the paradigm of the ecology in the contemporary theology. In principle, it is pointed out the historical evolution of the society, that the man as indispensable object to understand the question in study order to after defining properly what it is the ecology and its divisions. Then, it emerges the identification that the ecological crisis is not only one ambient crisis, but social and religious, a time that the same one accents the man position in relation with God and his creation, therefore, in his function of co-creator he aroused much more dominant than the leading admirer that caused some disappointment by works of the Creator, and as a way to justify his action, it pointed to the Jew-Christian religion as the chief that affirms to be in the first chapters of the Bible where the man must submit and dominate the earth (Gn 1, 28). However, the proposed paradigm for the ecology is to show the need of an ecological theology to reflect the care about the life in its diverse ways to express itself. The man is part of the creation, but he is ontologically different, therefore his mission is to preserve and to condition means in which one does not prevail the attitude of the strongest. Thus, the ecology itself does not present as a movement in defense of an untouchable nature, nor is a man darkening or a condemnation in his way to act, neither, a "divinization of nature," in that inverts the values and care, it aspires, in fact, for the indagation of current relations and systems in which today humanity is inserted and, in turn, it adequately do not correspond to the challenges posed by itself. This involves posture such as principles, for example, interdependency, responsibility and the care as sources of a spirituality cosmic generator, therefore, a restoration of communion and of man's relation with the nature and God.

KEYWORDS: God. Creation. Nature. Man. Ecology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPITULO I: GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DA ECOLOGIA 13
1.1 Evolução histórica 13
1.2 O que é ecologia? 16
1.3 Os caminhos da ecologia 18
1. 3.1 Ecologia Ambiental 18
1.3.2 Ecologia Social 18
1. 3. 3 Ecologia Mental 19
1. 3.4. Ecologia Integral 20
1.4. A crise ecológica: a busca por um novo paradigma civilizacional 20

CAPÍTULO II: RESGATE DA TEOLOGIA DA CRIAÇÃO: UMA COMPREENSÃO CRISTÃ E ECOLÓGICA 23
2.1 A ação criadora de Deus 25
2.1.1 A criação em Gênesis 1, 1-2, 4a 26
2.1.2 A criação em Gênesis 2, 4b-25 27
2.2 O sábado da criação 29
2.3 Trindade e criação 30
2.4 A criação e a Igreja 32

CAPÍTULO III: TEOLOGIA ECOLÓGICA: O CUIDADO COM A CRIAÇÃO 35
3.1 Contribuição da ecologia para a teologia 37
3.2 Princípio da interdependência 37
3.3 Princípio da Ética do cuidado 38
3.4 Princípio da natureza com criação de Deus 38
3.5 Princípio da Responsabilidade 39
3.6 A categoria do humano com ser de relações 40
3.7 O direito do humano e o direito da Terra 42
3.8 Uma espiritualidade cósmica 43

CONCLUSÃO 45

REFERÊNCIAS 48

INTRODUÇÃO

O homem por muito tempo foi visto como o centro do universo – antropocentrismo – e consequência disso foi uma concepção de que, a natureza era apenas a matéria prima da qual ele mesmo, com sua sabedoria e criatividade, poderia dela usufruir infinitamente sem nenhuma reserva.

Hoje a realidade nos chama para uma dimensão mais global. O homem e o cosmos fazem parte do mesmo cenário e a busca pelo equilíbrio cada vez mais se torna urgente e necessária. Deste modo, a ecologia quer exigir esta totalidade, que não resulta das partes, mas da organicidade entre tudo e todos despertando no homem a consciência da sua pertença ao meio ambiente, fazendo dele não um domínio absoluto, mas um cooperador de todo este sistema.

Portanto, a preocupação com o meio ambiente é, uma questão moral e espiritual, da mesma forma como é uma questão econômica e política. Neste sentido, o presente trabalho busca compreender as concepções teológicas diante da cultura moderna e contemporânea e seus desdobramentos nesta crise ecológica. Quer destacar que uma solução a nível somente técnico e científico não resolve por inteiro a questão, pois no fundo da atual crise reflete também a situação e a fragilidade do homem pós-moderno.

No que tange à teologia, este estudo busca averiguar o que possibilitou tanto o cuidado, quanto a exploração natural, fazendo uma análise a partir da teologia da criação abrangendo as interpretações positivas e negativas das leituras feitas a partir do Gênesis em seus primeiros capítulos.

Por isso, é preciso focar, antes de tudo, no homem, não como centro do todo, mas como um ser que se relaciona com as demais criaturas, incentivando que a realização do seu bem pessoal antecede o mero desenvolvimento lucrativo.

A partir dessas considerações iniciais já se pode perceber que o trabalho se direciona a crise ecológica tendo o homem como objeto principal do estudo e o que ela, ao mesmo tempo, contribui para a reflexão atual da teologia. Por isso, o tema proposto como o paradigma da

ecologia na teologia contemporânea[1] quer ser um ensaio com a finalidade de resgatar alguns elementos da teologia da criação e não, direcionando a preocupação ecológica como respostas ou soluções dos países industrializados e discursos de especialistas diplomados nesta área.

Para tanto, o mesmo constitui-se de três capítulos, sendo que o primeiro tem como objetivo destacar a evolução histórica da sociedade, a origem, conceito e as respectivas divisões da ecologia, culminando com a identificação que a crise ecológica é, de fato, uma busca por um novo paradigma civilizacional.

Já o segundo, partindo de uma compreensão cristã e ecológica, realça alguns elementos da teologia da criação resgatando o seu autêntico significado e evidenciando a ação criadora de Deus. Traz em destaque os dois primeiros capítulos do Gênesis a fim de obter uma compreensão maior sobre a questão em debate, embora se utilizando de outras citações, uma vez que aqueles não condensam os únicos relatos bíblicos sobre a criação. Em seguida, enfatiza a comunhão presente na relação das Pessoas da Trindade, da qual a criação se torna este ato livre da autocomunicação amorosa de Deus que a Igreja tem por missão revelar ao mundo.

O terceiro e último capítulo ressalta a teologia ecológica, tendo em mente o cuidado com a criação. Por isso, a contribuição da ecologia torna-se significante e denota o valor da vida em suas múltiplas dimensões. Isso justifica também a preocupação da teologia pela ecologia, pois aquela vai de encontra a promoção e dignidade deste valor supremo. Neste sentido, tornam-se necessário para o homem alguns princípios que advertem a sua categoria como um ser de relações e, que ao mesmo tempo, o indique os seus direitos e deveres diante do restante da criação, tornando o principal responsável por oferecer uma espiritualidade cósmica e uma restauração da comunhão e da relação dele mesmo com a natureza.

Assim sendo, a ecologia aponta para este novo paradigma de relação, ou seja, para uma nova maneira de viver e pensar, despertando no homem uma visão mais holística e questionadora dos próprios fundamentos da civilização moderna como é o caso do individualismo, da autonomia, da ciência, da técnica e do consumismo. Ela trata, portanto, de propor uma teologia ecológica que, detenha sensibilidade histórica, antropológica, social,

---

[1] Em 2008 foi publicado um artigo com este título. Tratava-se nele de um resultado do Plano de Pesquisa intitulado por: a teologia ecológica segundo Leonardo Boff realizado por Luís Fabiano Canatta e orientado pelo Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. Por se tratar apenas de um artigo não se destacou suficientemente todos os aspectos da questão ecológica, mas se tornou um pressuposto teórico para a argumentação e desenvolvimento deste trabalho. (Cf. GONÇALVES, LOPES, Paulo Sérgio; CANATTA, Luís Fabiano. O paradigma da ecologia na teologia contemporânea. **Revista de cultura teológica,** RJ: Petrópolis, v. 16, n. 63, p. 27-95, Abr./jun. 2008).

política, econômica e religiosa intrínsecas aos diversos modos de agir, bem como, de se apresentar profundamente sensível à ameaça de destruição e extinção do planeta.

CAPÍTULO I
GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DA ECOLOGIA

1.1 Evolução Histórica

O que caracterizava a humanidade nos primórdios, de imediato, era a sua harmonia com a natureza e a capacidade de fazer dela a sua "própria casa". No meio popular isso ocorreu de um modo interessante:

> As pessoas tinham uma visão orgânica do mundo, com um modo correlativo de situar-se num cosmos ordenado e determinado; vivia-se em comunidades pequenas e coesas, com relativa autonomia, vivenciando mais proximamente os processos sócio-naturais, com a interdependência entre fatores espirituais e materiais, e com a prioridade da comunidade sobre o indivíduo[2].

Aristóteles, por exemplo, "acreditava que a Terra ocupava, estática, o centro do universo, em torno do qual giravam os planetas e as estrelas"[3]. O período medieval herdou alguns elementos desta concepção, explicitando uma cosmovisão que tinha a religião e o geocentrismo como seu eixo central para compreender o mundo habitado.

Com o alvorecer da modernidade, houve uma virada geral na cosmologia. Copérnico, e depois Galileu Galilei, concluíram ser "o Sol que ocupa o centro em torno do qual a Terra e os planetas se deslocam em órbitas circulares"[4]. Com isso, se deu uma passagem do geocetrismo para o heliocentrismo. Num dado racional, surgem Descartes e Bacon que colocam em destaque a razão e o dado empírico tornando, assim, a natureza instrumento de testes e fontes de descobrimentos científicos. O primeiro ensinava que "o homem é senhor e possuidor do mundo"[5] e o segundo exprimia "que saber é poder e que o poder sobre a natureza significa amarrá-la ao serviço humano e torná-la nossa escrava"[6].

Com isso, o cosmos começou a perder o seu caráter de ligação e a multiplicidade de formas de vida. Sua organização deixa de ser pautada pela grandeza e força da natureza e

---

[2] ARISTOTELES apud PELLIZOLI, M. L. **Correntes da ética ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 15-16.
[3] BETO, Frei. **Sinfonia universal:** a cosmovisão de Teilhard de Chardin. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003. p. 33.
[4] Ibid.
[5] GESCHÉ, Adolphe. **O cosmo.** Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 5 (Coleção Deus para pensar, 4).
[6] KERBER, Guillermo. **O ecológico e a teologia latino-americano:** desafios e articulações. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 165.

torna-se uma esfera materialista e reducionista do racionalismo e da revolução industrial, que nos séculos XVII e XVIII deu-se a passagem vantajosa:

> De uma época de total equilíbrio e dependência do ser humano da natureza no paleolítico, passa-se a um gradativo distanciamento iniciado com a revolução agrícola do neolítico e chegando ao seu auge na revolução industrial inaugurada no século XVIII. De um gerenciamento e domesticação dos processos naturais para defender-se da inclemência da natureza e construir um habitat humano, em total harmonia com o sistema natural, passou-se a um total controle e domínio sobre os recursos naturais pelo desenvolvimento do método cientifico e a difusão das tecnologias, dando origem à civilização industrial povoada de luzes e sombras[7].

Deste modo, o olhar sobre a natureza torna-se rígido e mecanicista, mesmo que evidenciando, significativamente, o melhoramento da vida dos seres humanos após a revolução industrial. Contudo, se deve também notar que a mesma provocou a acentuação do dualismo entre o ser humano e a natureza, fazendo com que o impacto das novas tecnologias dissemine uma exploração avassaladora do meio ambiente.

O século XX, por sua vez, configura-se na mesma relação de domínio do ser humano sobre a Terra, e até mais forte que em épocas anteriores. Mas, por outro lado, é neste tempo que a preocupação com as questões relacionadas à ecologia começa a ocupar espaços em quase todos os âmbitos da sociedade.

Surgem aqui perguntas importantes: por que o ser humano se tornou "inimigo" da natureza? Em que momento de sua caminhada histórica, a humanidade começou a encará-la como obstáculo a ser derrubado e não como causa comum e vida circundante? A resposta se encontra no advento da chamada modernidade. Onde novas concepções de ciência apontam o saber como domínio e não como participação ou comunhão. Coloca ainda em movimento, uma grande engrenagem de conquistas, tornando o ser humano indivíduo e o indivíduo sujeito que tudo submete à sua vontade.

Ainda, neste aceno histórico do problema ecológico, torna-se necessário destacar a religião. De modo especial, o cristianismo. O que se pode dela afirmar em relação à concepção do paradigma ecológico na teologia contemporânea?

Pode-se descrever a partir de dois momentos fundamentais. O antes e o depois do Concílio Vaticano II. Por quê? Inicialmente, apresentava-se uma cosmovisão até o Concílio de Trento (1545-1563) baseada na religião como "eixo central para compreender o mundo habitado"[8], assim configurou-se o período medieval. No entanto, com a modernidade, se confrontou tal visão com a da "centralidade do homem, imbuído de liberdade, consciente de

---

[7] JUNGES, José Roque. Ética teológica: antropocentrismo ou biocentrismo? **Revista Teológica**, Belo Horizonte, n. 89, p. 33-66, jan./abr. 2011.

[8] GONÇALVES LOPES; CANATTA, op. cit. p. 27-95.

sua subjetividade, capaz de ser sujeito da história e produtor de um cultura científica fundamentada na base empírica e na consequente verificação racional"[9].

Neste período, destaca-se, também, a reforma protestante e com ela a sua teologia partindo do princípio *solo scriptura*[10], por meio do qual dava um novo impulso à teologia e a sua relação com o momento atual.

A Igreja Católica, por sua vez, realiza, neste ínterim, o Concílio Vaticano I (1869-1870), e assim destaca "duas ações importantes no âmbito do magistério eclesiástico: a de acentuar oficialmente a articulação entre fé e razão e o de retomar a filosofia e a teologia de Tomás de Aquino, como forma de ter um conhecimento teológico maduro e seguro"[11]. Em 1962, ela dá início ao Vaticano II, que termina em 1965. "Nesse Concílio, a teologia passou a estar aberta ao diálogo com o mundo contemporâneo, assumindo uma metodologia que exige escutar, ter atenção e ternura para afirmar uma palavra de fé viva"[12].

Neste sentido, o Concílio rompeu as barreiras que impedia um diálogo promissor e investiu em largos horizontes, nos quais, a realidade histórica e existencial pudesse ser levada em conta. Com isso, proporcionou, cada vez mais, o espírito de diálogo e as novas formas de inovar a compreensão e a pedagogia da evangelização.

Embora a visão da teologia católica, acerca da natureza, seja pautada pela ação de Deus, como fruto de sua criação, muitos pensadores contemporâneos criticam tal concepção. Pois, segundo eles, a raiz da crise ecológica atual, se deva fundamentalmente a esta compreensão.

Assim, em 1967, o americano Lynn White Júnior publicou na revista Science afirmando que "os nossos hábitos cotidianos de agir, por exemplo, são dominados por uma crença implícita no progresso perpétuo que eram desconhecidos à antiguidade greco-romana ou ao Oriente. E que a sua raiz está arraigada na teologia judaico-cristã e não pode se separar dela"[13].

O pensamento de Lynn White torna-se, então, fundamental para a problemática em estudo. Pois reflete a necessidade do resgate de alguns elementos da teologia da criação, tema abordado no segundo capítulo. Por isso, quando se acusa a religião e, especificamente, o Cristianismo, sobre a atual crise ecológica ou planetária, é em referência ao seu pensamento que afirmava o cristianismo ser "a religião mais antropocêntrica que o mundo conheceu. O

---

[9] Ibid.
[10] Ibid.
[11] Ibid.
[12] Ibid.
[13] JÚNIOR, Lynn White. **Raízes históricas da nossa crise ecológica.** Disponível em: <http://latinoamericana.org/2010/info/docs/WhitePort.pdf >. Acesso em 08 ago. 2011.

cristianismo, em contraste absoluto com o paganismo antigo e as religiões da Ásia, não só estabeleceu um dualismo entre homem e natureza, mas também insistiu que era vontade de Deus que o homem explorasse a natureza em benefício próprio"[14].

Das críticas do seu pensamento, pode-se deduzir duas consequências significativas: a primeira é que o cristianismo no Ocidente proporcionou o avanço da ciência e da tecnologia por incorporar no homem a ideia do progresso à custa da destruição da natureza. A segunda por confirmar o mesmo homem na soberania diante de toda a criação[15].

Contudo, tal pensamento não deixa de ser uma versão reducionista da causa operante ante a crise atual. Pois a amplitude da questão requer uma interligação dos elementos de toda a natureza, como a própria criação e o ser humano em face de sua realidade, e não apenas a religião, especialmente o cristianismo.

Ultimamente se tem sublinhado que a crise ecológica, pela qual, o mundo passa hoje, não está apenas ligada especificamente aos problemas ambientais, mas às profundas mudanças a que se assiste no fim da modernidade ou, pelo menos, às crises dos seus paradigmas fundamentais.

Portanto, a ecologia se apresenta como uma resposta fundamental à crise existente e torna-se essencial entendê-la em todo o seu desenvolvimento.

1.2 O que é ecologia?

O termo ecologia é composto por duas palavras gregas: "*oikos*, que significa casa e *logos*, que quer dizer reflexão, estudo"[16]. Assim significa, segundo Leonardo Boff, "o estudo que se faz a cerca das condições e relações que formam o *habitat* (casa) do conjunto e cada um dos seres da natureza"[17].

Entretanto, em 1866, o alemão Ernst Haeckel (1834-1919), foi quem, pela primeira vez[18], cunhou o termo ecologia entendendo como um pensamento científico dentro de uma ciência mais ampla: a Biologia. Este a definiu como "a ciência que estuda as condições de

---

[14] Ibid.
[15] BÍBLIA de Jerusalém. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. Gn 1, 28
[16] BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade.** Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 25
[17] Ibid.
[18] Entretanto, algumas fontes dizem que o termo "ecologia" foi empregado pela primeira vez em 1° de janeiro de 1858, quando o filósofo, escritor, poeta naturalista-transcendentalista e promotor da desobediência civil na Inglaterra (EUA) Henry David Thoreau (1817-1862) escreveu a seu primo George Thatcher, de Bangor, Maine: "O senhor Hoar ainda está em Concord, ocupado com a Botânica, Ecologia etc., com a finalidade de que sua futura residência no estrangeiro seja verdadeiramente proveitosa". (Cf. SUSIN, Carlos Luiz; SANTOS, Joe Marçal G. dos. (Orgs.). **Nosso planeta nossa vida:** ecologia e teologia. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 49)

existência dos seres vivos e as interações de toda a espécie que existem entre eles e o meio ambiente"[19]. Portanto, representava apenas um interesse científico regional, particular, enquanto que hoje, "diversos autores têm sublinhado que a crise ambiental não é somente a soma dos problemas ambientais locais, mas um dos aspectos das profundas mudanças a que se observa na hora presente"[20], ou seja, a ecologia possui um interesse global, universal, pois envolve toda a humanidade e, onde esta se encontra, encontra vida, logo se torna uma exigente preocupação de sua parte.

Esta é prova que, embora a ecologia se apresente como uma ciência relativamente nova, isso não significa a ausência de estudos precedentes aos que são feitos na atualidade com relação à natureza e aos animais. Aristóteles, por exemplo,

> Herdou e conjugou, em sua produção escrita relativa à questão, duas tradições: a da história natural, baseado nos conhecimentos locais das plantas e dos animais, e a de um enfoque filosófico dedutivo [...] nos livros VIII e IX da História dos Animais, *ele* examinou a forma de vida e o caráter dos animais[21].

Na ciência moderna, nos alvores da ecologia, surge o naturalista inglês, Charles Darwin, que:

> Partindo de suas pesquisas empíricas considera que o estudo dos fatores do meio que afetam as distribuições geográficas está explicitamente baseado em princípios evolucionistas, longe de qualquer fatalismo, isto é, em uma concepção radicalmente nova de tempo da vida. De outro lado, no contexto evolutivo, Darwin apelou para um novo conceito: a "luta pela vida", no sentido geral e metafórico, o que implica os relacionamentos mútuos de dependência dos seres organizados e, o que é mais importante, não apenas na vida do indivíduo, mas na sua aptidão para deixar descendentes[22].

Assim sendo, a ecologia nasce para equilibrar e superar a "brecha" entre ciências naturais e ciências sociais, com a consciência de que a ruptura entre ambas prejudica a compreensão dos novos problemas ambientais e sociais. Por isso, como ciência, sofre amplas acepções a fim de nortear rumos e horizontes diferentes da atual sociedade.

Neste sentido, a crise que afeta não somente o meio ambiente, mas também a humanidade inteira requer respostas urgentes que envolvem toda a globalidade da questão. Portanto, as perguntas que se impõem perante esta situação são: como responder esta crise? Quais são os caminhos para avançar em uma resposta ao problema colocado? O teólogo Leonardo Boff apresenta quatro caminhos que se tornam as tendências mais relevantes diante da discussão atual, os quais serão abordados a seguir:

---

[19] **Dicionário de ecologia ilustrado.** Verbete ecologia. São Paulo: Editora Meca. p. 65
[20] KERBER, op. cit., p. 165
[21] ARISTOTELES apud Ibid. p. 64. *Grifo nosso.*
[22] Ibid., p. 69

1.3 Os Caminhos da ecologia

1.3.1 Ecologia Ambiental

O clima em nosso planeta apresenta configurações diversas diante da sua história. De um lado, é resultado das ações desmedidas da técnica; do outro, torna-se sujeito, como reação destas investidas ilimitadas. Logo, são vários os problemas concernentes ao planeta: "chuva ácida, aquecimento da atmosfera, destruição da camada de ozônio, desflorestamento/desertificação e a superpopulação"[23].

Por isso, este aspecto da ecologia se preocupa com o meio ambiente visando à "qualidade de vida, à preservação das espécies em extinção e à permanente renovação do equilíbrio dinâmico"[24]. Em face do que, procura-se "desenvolver técnicas e procedimentos que visam preservar o meio ambiente ou minorar os efeitos não desejados"[25].

1.3.2 Ecologia Social

O problema planetário na sua conjuntura reflete a crise do modelo de sociedade vigente, pois o ser humano está inserido nela e dentro da natureza, não como um apêndice, mas como parte e parcela constitutiva das mesmas.

Segundo essa compreensão, "o ser humano e a sociedade sempre estabelecem uma relação com o meio ambiente"[26], fazendo dele uma "habitação" dos seus projetos, visto que eles em si não subsistem sozinho. Com isso chega-se a confirmar que a crise ecológica tem também sua origem social e cabe, por conseguinte, a ecologia social lutar por um desenvolvimento sustentável como:

> [...] que atenda às carências básicas dos seres humanos de hoje sem sacrificar o capital natural da terra, tomando em consideração também as necessidades das gerações de amanhã, pois têm direito à sua satisfação e a herdar uma terra habitável, com relações humanas minimamente descentes[27].

---

[23] BOFF, op. cit., 2008, p. 32
[24] BOFF, Leonardo. **Ética da vida:** a nova centralidade. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 12
[25] BOFF, Leonardo. **Ecologia:** grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Editora Ática, 1995. p. 20
[26] Ibid., p. 21
[27] BOFF, op. cit., 2009, p. 12

ICESP/ - Biblioteca
7809 | 17/09/2012

1.3.3 Ecologia Mental

A essência da ecologia mental, conhecida também como ecologia profunda, é colocar perguntas sobre a intensidade da causa, ou seja, das causas últimas. Assim ela "procura construir uma integração psíquica do ser humano que torne mais benevolente sua relação para com o meio natural e social"[28].

Foi nesta direção que o Papa Bento XVI, na sua encíclica Caritas in Veritate[29], falou da necessidade de desenvolver uma verdadeira ecologia humana, na qual esteja presente um conjunto de modos como o homem trata de si mesmo e cuida do seu semelhante, dos hábitos pessoais e estilos no convívio social. Assim, a ecologia mental ou profunda não direciona seu questionamento apenas à sociedade em si, mas à mentalidade que vigora no momento, descobrindo suas origens em épocas passadas.

Neste retorno vem à tona o antropocentrismo que "considera o ser humano rei do universo"[30]. E mais: "considera que os demais seres só têm sentido quando ordenados ao ser humano; eles estão aí disponíveis a seu bel-prazer"[31].

Com esta mesma visão, o Papa João Paulo II enfatizou que a crise ecológica é fruto de um erro antropológico, diz ele:

> O homem, que descobre a sua capacidade de transformar e, de certo modo, criar o mundo com o próprio trabalho, esquece que este se desenrola sempre sobre a base da doação originária das coisas por parte de Deus. Pensa que pode dispor arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas à sua vontade, como se ela não possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu, e que o homem pode, sim, desenvolver, mas não deve trair. Em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza mais tiranizada que governada por ele[32].

Portanto, a ecologia da mente é uma nova maneira de pensar e uma nova compreensão do mundo, a qual implica mudanças radicais na vida e no comportamento dos seres humanos.

---

[28] BOFF, op. cit., 1995, p. 23
[29] BENTO XVI: **Caritas in Veritate:** sobre o desenvolvimento humano e integral na caridade e na verdade. São Paulo: Paulinas, 2009. n. 51
[30] BOFF, op. cit., 2009, p. 14
[31] Ibid.
[32] JOÃO PAULO II: **Centesimus Annus:** 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. n, 37

1.3.4 Ecologia Integral

Por fim, o quarto caminho é a ecologia integral "que parte de uma nova visão inaugurada pelos astronautas que veem a terra fora da terra"[33]. A partir desta lógica, o universo caminha cada vez mais para formas mais complexas de vida. Como testemunham vários deles: "efetivamente de lá, da nave espacial ou da Lua, a Terra, um planeta esplendoroso, azul e branco, emerge como corpo celeste na imensa cadeia cósmica que cabe na palma da mão e que pode ser escondido detrás do polegar humano"[34].

Por isso, essa cosmovisão almeja despertar no ser humano a consciência de sua função diante da imensa totalidade planetária, não a concebendo como uma soma das partes apenas, e sim captando a "concepção unitária que não exclui, mas defende e inclui a diversidade"[35].

A reflexão de Boff, portanto, sobre a ecologia torna-se referência na América Latina, no entanto, segundo Kerber, ao comentar as referidas terminologias usadas por Boff, afirma "que as mesmas sofrem certos conceitos ambíguos"[36]. E como vimos ele identifica ecologia profunda com ecologia da mente, e em outros momentos ele coloca em mesmo nível com a ecologia social. Entretanto, não deixam de ser uma ocasião formidável para se compreender melhor a ecologia e o seu desdobramento e, consequentemente, reafirmar a interdependência de todos os seres e as partes da humanidade. Nesta "relação centrífuga" revela, portanto, o paradigma da crise ecológica.

1.4 A crise ecológica: a busca por um novo paradigma civilizacional

Para se analisar uma crise é necessário, antes de tudo, verificar as suas causas, por isso, pergunta-se, diante da crise ecológica, se o paradigma adotado e vivido até então correspondia adequadamente ao modo de se relacionar os seres humanos consigo mesmos, com Deus e com toda a criação? Caso contrário, como foi possível chegar à situação declarada entre o ser humano e a natureza?

De acordo com Leonardo Boff são várias as suas causas, entre elas estão: "a tecnologia, o modelo de desenvolvimento da sociedade, o modo dominante do capitalismo, o antropocentrismo e a religião"[37].

---

[33] BOFF, op. cit., 2009, p. 15
[34] BOFF, op. cit., 1995, p. 32
[35] KERBER, op. cit., p. 74
[36] Ibid., p. 191
[37] BOFF, op. cit., 1995. p. 101-119

De fato, elas estão na base da discussão e é a partir delas que se desenvolve a busca de um novo paradigma proporcional a realidade vigente, capaz de despertar uma nova maneira de relacionar o homem com a natureza, evidentemente não substituindo e sim revolucionando o seu modo de se dar com ela.

Aqui entra o conceito de paradigma que na concepção de Thomas Kuhn, filósofo norte-americano, significa "toda uma constelação de crenças, valores, técnicas, etc. partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada"[38]. A sua definição, mesma que aplicada às ciências naturais, nos leva a compreender que a preocupação ecológica não se baseia unilateralmente no objeto de estudo (natureza, criação, ser humano), mas a um grupo, isto é, uma comunidade que neste caso excede os limites geográficos e torna-se uma "rede de ideias" com finalidade de superar os limites.

Ainda com relação ao conceito de paradigma, Boff assume o mesmo sentido daquele de Kuhn compreendendo-o "como uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos conosco e com todo o resto à nossa volta"[39].

Hans Küng, teólogo suíço, assume, por sua vez, a terminologia de Kuhn. Todavia, do ponto de vista teológico, o suíço vê com certas reservas, pois a mudança de paradigma não deve ser "nem totalmente racional, nem totalmente irracional, mas que, em todo caso, se produza mais de uma forma revolucionária do que evolutiva"[40].

Portanto, o paradigma ecológico deve suscitar reflexões nesta mesma direção, ou seja, "na teologia os velhos paradigmas podem continuar vivos. De quando em quando, inclusive acontece que haja um reavivamento de um paradigma anterior, quase esquecido"[41] porque o novo também está sujeito à falhas, e do ponto de vista cristão, qualquer mudança de paradigma só pode ocorrer com base no Evangelho, isso justifica, ao contrário, das ciências naturais, que "a teologia se relaciona não só com o presente e o futuro, mas também com o passado, a tradição, o testemunho primordial de Deus aos seres humanos"[42].

Isso significa dizer que a crise ecológica se apresenta como consequência de uma crise profunda, não apenas ambiental, de valores e de relações, mas também entre o ser humano e Deus. Em síntese, ela é uma questão moral e espiritual, da mesma forma como é uma questão

---

[38] KUNH, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** 5.ed. São Paulo: perspectivas, 1998. p. 218

[39] BOFF, op. cit., 2009, p. 134.

[40] KÜNG, Hans. **Teologia a caminho:** fundamentação para o diálogo ecumênico. Tradução de Hans Jörg Witter. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 159 (coleção: pensamento teológico).

[41] BOSCH, David J. **Missão transformadora:** mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndörfer; Luis Marcos Sander. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002. p. 232

[42] Ibid., p. 234

econômica e política. Por essa razão, ela se torna algo de interesse global que desperta na própria humanidade uma nova consciência planetária.

Diante da tamanha complexidade que a humanidade passa, já mostrada até aqui, torna-se uma urgência metodológica, apresentar embora, já tenha ficado subentendido nos pontos anteriores, a atualidade da ecologia e o que ela contribui para a teologia.

A sua nova concepção nos leva a contemplar um universo como tecido dinâmico de acontecimentos que se interdependem. E isso leva outras ciências, como a teologia, a aproximarem-se cada vez mais da realidade.

Com esta nova perspectiva a ecologia propõe uma percepção da realidade em suas múltiplas inter-relações e não como pura soma de entidades individuais, ampliando as interdependências e as interligações dos seres vivos com todo o sistema ambiental. E mais, ela torna "um questionamento aos pressupostos antropológicos e éticos do homem moderno. Desta forma, abre a porta para a consideração de um novo paradigma do ser humano e do mundo contemporâneo"[43].

A crise ecológica além de revelar toda a situação do planeta, inclusive a do homem em face da mesma, desperta na teologia uma releitura dos relatos da criação. A partir deste pressuposto, ela constitui também um objeto de reflexão teológica. É o que será abordado no capítulo seguinte.

---

[43] KERBER, op. cit., p. 27

CAPÍTULO II
RESGATE DA TEOLOGIA DA CRIAÇÃO: UMA COMPREENSÃO CRISTÃ E ECOLÓGICA

Normalmente quando se lê os primeiros capítulos do Gênesis surge uma série de questionamentos, principalmente se observados com os olhos da Ciência moderna. Um desses problemas poderá surgir na leitura dos dois relatos da criação encontrados nos capítulos um e dois. Alguns olham para estes textos com descrença, pelo fato dos mesmos não se harmonizarem com o que a Ciência afirma sobre o início do universo. Outros têm medo de questionar e acabam deixando de interpretar corretamente, às vezes por não terem como se aprofundar no assunto ou por não conhecerem sobre o gênero literário que estão lendo.

Neste capítulo serão traçadas as linhas principais da teologia da criação, resgatando alguns dos seus elementos e destacando os relatos bíblicos que são de suma importância para o esclarecimento da questão. Com isso, fica claro que não se pretende apurar exegeticamente os textos escolhidos, até porque são muitos, mas analisá-los como partes importantíssimas para a compreensão do estudo. A justificação por tais escolhas se dá pelo fato dos mesmos formarem o núcleo central para a questão em debate.

Neste sentido, fazer teologia hoje significa reconhecer, a partir da perspectiva da Revelação e da fé, que tudo está relacionado reciprocamente, e que a nova concepção da cosmologia contempla um universo pautado por acontecimentos que se interdependem, embora estejam eles distantes na esfera cronológica, por isso a teologia, não se apresenta apenas como uma narrativa mística, tampouco como expressão de sabedoria, tendo em vista uma compreensão permanente daquilo que se crer.

Portanto, a ecologia, segundo Leonardo Boff, "nos facilita entender o conceito teológico da criação, mediante o qual Deus e o universo se diferenciam e ao mesmo tempo se aproximam. Dizer que somos criados, significa afirmar que viemos de Deus, temos em nós suas marcas e caminhamos para Ele"[44]. É neste sentido, que se pode entender a criação como pura gratuidade e dom de Deus.

---

[44] BOFF, op. cit., 2008. p. 61.

O que a crise ecológica provoca no pensamento da teologia contemporânea e principalmente, na teologia da criação, como desafios que devem ser levados em consideração na atualidade, desperta para uma crítica elencada no primeiro capítulo, que é aquela segundo a qual o cristianismo é a religião mais antropológica que o mundo já conheceu. Para o Americano Lynn White, "o judaísmo e o cristianismo introduziram uma concepção não repetitiva, linear e finalizada do tempo, ao contrário das religiões naturais, que têm uma maneira repetitiva e cíclica de encarar o tempo"[45].

Compete, pois, à teologia contemporânea analisar os relatos bíblicos e enfatizar que a composição dos mesmos se deu a partir de textos de várias épocas e que seu Autor Sagrado se utilizou dos recursos literários que dispunha para compor essas narrativas. Portanto, não se pode entendê-los como fatos simultâneos e elementos históricos com a finalidade de se explicar a criação do mundo, até porque o autor não está ali fazendo história, e sim teologia.

Toda esta controvérsia consiste na perspectiva do homem ter se colocado sobre a natureza, em busca de sua emancipação e autonomia, e ter cortado os vínculos afetivos e de significado que com ela mantinha. De ser da natureza, passou a ser sobre e contra a natureza. A trajetória humana passou a ser regida, predominantemente, pela vontade de poder e de dominação: o ser humano como senhor absoluto da natureza.

Diante desta acepção a teologia procura dialogar destacando o seu serviço à fé e aos que ainda não têm fé, para que compreendam a razão de acreditar num Criador e no destino da criação, e com isso, realcem o atributo divino que é o amor. Assim descreve La Peña:

> Deus tanto cria como salva. Ou melhor: Deus cria para salvar. Isso significa que a ação criadora põe-se às claras, mais que a onipotência, a bondade irrestrita, a generosidade ilimitada e o amor gratuito de um Deus, que atua movido exclusivamente por sua vontade de comunicar-se[46].

Portanto, o conhecimento a cerca da criação não deve ser entendido como uma forma de dominação, mas como uma participação da bondade de Deus. Por isso, um conhecimento integrador implica também na comunhão com a criação, e não apenas numa relação de sujeito e objeto. Assim caracteriza a ação criadora de Deus, marcada pela participação e integração com o restante da criação.

---

[45] JUNIOR, L. White apud JUNGES, José Roque. **Ecologia e criação:** resposta cristã a crise ambiental. São Paulo: Loyola, 2001. p. 13 (Coleção CES).
[46] LA PEÑA, Juan Luis Ruiz de. **Criação, graça, salvação.** São Paulo: Loyola, 1998. p. 10.

2.1 A ação criadora de Deus

Com a soberania de Deus sobre o caos e a organização do cosmos pode se identificar a sua ação criadora a partir da qual ia se gerando vida e, por meio de suas palavras, todas as realidades tomando suas formas transformando-se num "reflexo da glória divina e formando um conjunto harmônico, bom em todas as suas partes"[47].

Por outro lado, durante muitos séculos a reflexão teológica presumiu um conceito de criação que a interpretava como produção de algo a partir do nada[48], como descreve La Peña:

> Tal definição era a mais adequada no quadro da cosmovisão estática, na qual os diversos seres mundanos aparecem em seu ser respectivo desde o começo, sempre idênticos a si mesmos. Quando o mundo é concebido como um conjunto de criaturas invariáveis no tempo, a ação de dar a essas criaturas existência só pode ser descrita como um produzi-las do nada[49].

Mas, o que se entende por criar do nada? Seria a criação uma necessidade de Deus? Ou ela seria uma ostentação do seu poder? A resposta é que em Deus não há necessidade, mas liberdade e a sua ação criadora personifica-se num ato pessoal e livre, portanto, a criação se insere no desígnio de Deus que tem como objetivo a salvação do homem. A criação torna-se, pois, imprescindível para compreender a salvação, aliás, ambas não podem ser entendidas separadamente, porque Deus cria salvando e salva criando.

Agora o que se deve destacar é que o agir de Deus não é pautado pelo seu isolamento pessoal, ou seja, toda a sua ação manifesta a união das três Pessoas da Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Deus não é um "Ser solitário" que no seu isolamento designa a criação para com ela se comunicar, mas esta revela exatamente a comunhão do mistério presente na Santíssima Trindade.

---

[47] PONTÍFICIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio de doutrina social da Igreja.** 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 273.

[48] A doutrina cristã solidificou, no imaginário popular, a afirmação de que Deus criou tudo "do nada". É quase como uma afirmação de princípio, freqüentemente sem se interrogar sobre a profundidade e as conseqüências dessa afirmação. A doutrina da creatio ex nihilo amadureceu na patrística grega, especialmente com Irineu e Teófilo, em confrontação com as doutrinas gnósticas. A gnose afirmava uma "coeternidade" da matéria em relação com o criador ou, mais precisamente, o "formador", o "modelador" - o demiurgo. O cosmo proviria eternamente do seu demiurgo por emanação. O cosmo teria em si as "marcas" da ação modeladora do demiurgo, como os vestígios de suas mãos. Pode-se penetrar na profundidade ou subir na escalada dos seres até o divino. Ha uma lógica e uma mística fascinantes nessa doutrina gnóstica, a descoberta e a contemplação do divino em todas as coisas, espiritualidade que retorna hoje em movimentos do tipo Nova Era. Entretanto, para a sensibilidade bíblica e cristã, e uma doutrina pagã, porque mistura Criador e criaturas numa nebulosa divina, derivando disso vários problemas: também o mal acaba sendo divinizado, e nem um Deus poderia evitá-lo. Tanto o Criador como as criaturas ficariam submetidas a uma natureza divina impessoal que abarcaria tudo e acabaria sendo um destino férreo e, afinal, inevitavelmente trágico. (Cf. SUSIN, Luis Carlos. **A criação de Deus:** Deus e criação. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 60).

[49] LA PEÑA, op. cit., 1998, p. 13.

Primeiramente algumas informações devem ser destacadas com relação aos capítulos um e dois do Gênesis. Estes textos foram escritos após o exílio da Babilônia (585-535 a. C), o que significa dizer que o conceito da criação, na bíblia, corresponde a uma época relativamente tardia, ou seja, uma reflexão explícita sobre a ideia de criação foi precedida pela ideia de aliança[50]. Deste modo, "antes de confessar que Deus criara o mundo a partir do nada, Israel reconheceu que Deus criara para si um povo a partir do nada"[51].

Depois desta compreensão, destaca-se ainda que os relatos criacionistas não podem ser isolados dos restantes capítulos que formam a primeira parte (1-11), pois esta no seu todo "trata-se de uma cosmogonia sobre a origem das nações"[52], e não uma descrição da origem do mundo e de sua criação.

2.1.1 A criação em Gênesis 1,1-2,4a

O relato da criação em Gênesis 1 corresponde ao relato sacerdotal[53]. É um tempo em que o povo passa por um período de exílio e sofrimentos. Por isso, o autor sacerdotal exorta aos exilados mostrando a interferência positiva de Deus na história da salvação.

> Ele não se interessa pelos dados cosmológicos ou biológicos do mundo, mas deseja oferecer uma doutrina sobre a relação do mundo com um Deus que não é o herói das cosmogonias pagãs, nem um ser ensimesmado e distante, alheio e estranho à nossa história, mas o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, que criou e escolheu Israel para a aliança e do qual tudo depende, não apenas a história, mas também a natureza[54].

---

[50] Nos últimos anos foram delineadas com suficiente clareza duas posições com relação a este problema; uma que esteve por um pouco tempo quase geral, considera a criação como o pressuposto da aliança, de modo que somente recavando todas as consequências da Segunda se chegaria a valorizar a teologicamente a ideia de criação: a revelação de Deus, a primeira coisa quem vem descoberta e vivida, faz descobrir o âmbito da história, e a partir desta se definiria o conceito de criação e a sua apreciação teológica; a aliança comporta que si pense que Deus onipotente tenha criado tudo para poder escolher o seu povo. Foram expoentes desta corrente, K. Barth e G. Von Rad. A outra corrente considera que a fé na criação e a apreciação teológica da mesma tenha uma entidade própria e não seja somente uma educação a partir da noção de aliança; se trataria de um conceito de fé que, mesmo que não venha sempre considerado como central, não receberia necessariamente o seu significado no Antigo Testamento de outras noções. Esta posição foi defendida por C. Westermann. (Cf. RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade:** o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 144-145. (Teologia sistemática).

[51] LA PEÑA, op. cit., 1998, p. 11.

[52] Ibid., p. 25

[53] O escrito sacerdotal afirma precisamente que o futuro novo está aberto. Composto muito provavelmente no século V a. C., retoma outra vez, a antiga tradição de Israel refletindo a cerca do seu passado remoto: as intervenções salvíficas de Iahweh nos acontecimentos do povo, na história dos patriarcas e nos primórdios da humanidade. O objetivo principal desta reflexão teológica é bastante claro: infundir coragem, confiança e esperança nos exilados. (Cf. RUBIO, op. cit., p. 125).

[54] LA PEÑA, Juan Luis Ruiz de. **Teologia da criação.** Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 1989. p. 28.

Neste sentido, o relato bíblico da criação informa que Deus terminou sua obra pondo à frente dela o ser humano, sua imagem, para que em seu nome a presida, governe e a conduza[55]. O homem criado no sexto dia encontra tudo para sua sobrevivência e tem o privilégio de dominar, no sentido de proteger e preservar todos os que habitam a terra.

Não obstante, o versículo 29 mostra que o homem tem como alimento o mesmo atribuído aos animais: as ervas da terra, portanto, ele não tem em si mesmo o princípio da vida, mas ela advém da sua dependência dos alimentos.

No entanto, o equívoco na interpretação dos verbos "submeter e dominar" por parte de muitos estudiosos assinalou consequências funestas para a ecologia. Segundo eles, "a criação humana teria surgido para ser o rei da criação"[56] e isso o teria levado a ser a medida de todas as coisas culminado na sua vocação que seria o domínio das demais criaturas.

Porém, o verbo dominar vem do hebraico *radah* e na mentalidade antiga do Oriente Médio tal ação tinha como ideal o domínio do pastor: *"radah* seria o caminhar do pastor com o seu rebanho, protegendo os animais e conduzindo-os às pastagens"[57]. O verbo submeter, por seu turno, *kabax,* também do hebraico, traria como foco principal a terra e o seu cultivo, com outras palavras, em Gênesis 1, 28, "subjugar a terra teria o significado mais básico e amplo, isto é, subjugar um espaço territorial ou geográfico, não limitado apenas à vida humana"[58].

Portanto, a missão primeira do homem na criação é proteger e respeitar, antes de tudo, a ação criadora de Deus, para depois, contribuir com o crescimento e evolução da natureza em todas as suas dimensões, pois ele não está acima, fazendo dela fruto das suas aspirações, mas dentro da própria criação. Deste modo, ela torna-se o "jardim" do qual ele deve zelar e cuidar tornando-se o seu pastor de juiz e de paz.

2.1.2 A criação em Gênesis Gn 2, 4b-25

O segundo relato pertence à tradição javista[59]. Diferentemente do relato sacerdotal, aqui se concentra a criação do homem como primeira ação criadora de Deus e, sendo esta

---

[55] Gn 1, 1-31

[56] SUSIN, Luis Carlos. **A criação de Deus:** Deus e criação. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 94.

[57] GARMUS, Ludovico. Uma leitura ecológica dos relatos criacionais de Gn 1-3. In: MÜLLER, Ivo (Org.). **Perspectivas para uma nova teologia da criação.** Petrópolis: Vozes, 2003. p. 167-192.

[58] Ibid.

[59] Escrita por volta do século X a. C., a versão javista remonta à origem da humanidade colocando no início a história da salvação. Concentra seu interesse na relação do ser humano com a terra e atribui a benção e a maldição, sempre na ótica da salvação, por isso, sua perspectiva universalista a qual chega a toda a humanidade por meio dos patriarcas e seus descendentes. (Cf. RUBIO, op. cit., p. 121-122).

narrativa mais antiga do que a primeira, ela se concentra na relação do ser humano com a terra.

Prova disso é que o solo serve como base da vida humana, enquanto Deus modela o homem do barro, apontando-o para a sua ligação com a terra. Assim afirma L. Garmus: "a narrativa javista da criação está centrada sobre a terra. Fala-se da importância da água, da chuva, da irrigação e dos rios (2, 5-6.10-14). O mesmo nome dado à criatura humana (*Adam*) provém da terra (*'Adamah*)"[60].

O que nos chama atenção nesta narrativa são basicamente dois elementos: o primeiro é o modo através do qual o autor representa Deus como sendo um oleiro, aliás, na concepção de Alfonso Rubio "esta é uma imagem comum entre os povos semitas"[61]e, o segundo, a missão que o homem recebeu de Deus de cultivar e guardar o jardim[62]. Assim Deus plasma do barro o homem que, por sua vez, torna-se o co-criador com a missão de cultivar a vida nos "jardins do mundo".

Diferentemente do relato sacerdotal a criação do homem está no cume de uma pirâmide, ou seja, ele é a última das criaturas, mas se nutre do mesmo alimento das demais, embora seja ele feito a imagem e semelhança de Deus; no relato Javista o mesmo homem "recebe não só o dom da vida, como também o dom que significa o jardim a ser trabalhado e guardado"[63].

Portanto, o homem é convocado a responder o chamado de Deus e assim colaborar com o restante da criação. Mas nesta função de nomear, estaria Deus, dando a ele o poder e a supremacia absoluta sobre toda a criação? Segundo Garmus, a resposta é não! Com outras palavras ele explica:

> Na linguagem do javista, aqui não se trata de poder, e sim de identidade. O *Adam* é relacionado à terra *'adamah* porque o seu nome também o é. Assim, quando Deus conduz os animais ao *Adam* "para ver como os chamaria", é uma questão de reconhecimento e não de poder. Deus dá ao *Adam* a capacidade de contribuir para a organização de seu mundo[64].

Por isso não se pode negar o destaque do homem em toda a criação, prova disso é que são muitos os textos bíblicos que acentuam esta realidade, mas não se pode admitir que nos referidos relatos tenha apenas uma tendência antropocêntrica, o que nos deixa claro é uma

---

[60] GARMUS, op. cit., p. 167-192.
[61] RUBIO, op. cit., p. 161.
[62] Gn 2, 15
[63] RUBIO, loc. Cit.
[64] GARMUS, op. cit., p. 167-192.

ação teocêntrica, ou seja, uma ação apaixonante de Deus em direção à criação e, de modo especial, ao homem como sua imagem e semelhança.

O salmo 8 exemplifica esta ação de Deus e, ao mesmo tempo, indica o lugar do ser humano na criação quando diz: "E o fizeste pouco menos de um deus"[65]. Comentando esta passagem, o texto-base da Campanha da Fraternidade de 2011 diz:

> O ser humano foi criado de modo especialíssimo no reino da criação porque, mesmo sendo um ser integrante da natureza, a transcende, e essa transcendência, embora não tire do ser humano sua condição natural, traz outras implicações que dão sentido à natureza e gera responsabilidades em relação a ela[66].

Neste sentido, o que marca o homem inicialmente é o seu caráter relacional de ser chamado a cooperar com tudo aquilo que está presente na natureza. Esta responsabilidade é traduzida no reconhecimento de que nenhum entre os animais correspondia como sua auxiliar (Gn 2, 20). Isso comprova que,

> Deus não criou o homem sozinho: desde o princípio criou-os varão e mulher (Gn 1, 27); e a sua união constitui a primeira forma de comunhão entre pessoas. Pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros[67].

É possível pois, concluir com duas afirmações precisas. A primeira é que, segundo este relato o homem é por natureza relacional, portanto, de convivência e responsável por manter a identidade da criação de Deus. A segunda, do ponto de vista sacerdotal, é que ele, o homem, por ser a criação do sexto dia, antecipa o sábado da criação, o dia especial no qual não se encontra nenhum ato criativo de Deus. Portanto, ele se torna o equilíbrio necessário entre o agir e o repouso, entre a ação e o descanso.

2.2 Sábado da criação

O sétimo dia leva a reconhecer a bondade de Deus e da criação. O texto bíblico assim diz: "Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de

---

[65] Sl 8, 6

[66] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da fraternidade 2011:** texto-base. Brasília, Edições CNBB. 2010. p. 66.

[67] CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA GAUDIUM ET SPES: sobre a Igreja no mundo atual. In: **Compêndio Concílio Ecumênico Vaticano II.** São Paulo: Paulus, 2001. n. 12.

toda a sua obra de criação"[68]. Destacam-se, nesses versículos, o descanso, a benção e a santificação.

O descanso significa que a obra foi consumada. "O repouso de Deus significa o retornar a si, depois de ter saído de si para criar, mas este retornar não acontece sem a criação"[69]. Deus sai de si para criar e retorna a si pelo descanso.

Com razão Jürgen Moltmann considera o sábado da criação e do Criador, isto é, dia do descanso, como o ponto de chegada da narrativa sacerdotal da criação. "A coroa da criação não é a pessoa humana, mas o sábado"[70], com isso toda a criação alcança a sua liberdade e a dignidade de criaturas.

Por conseguinte, ela toda é abençoada e passa a carregar os germes da sua própria procriação herdada de Deus, assim a presença gratuita e afirmativa que parte do próprio Criador se estende à comunhão das criaturas impulsionando-as a entrar também em seu descanso:

> Todas as criaturas buscam um lugar de repouso em que encontrem abrigo das forças caóticas, e este lugar é o sábado do repouso de Deus. Nessa presença repousante que traz paz e liberta da aniquilação, as criaturas encontram o fundamento que as sustenta. Faz que a sua existência inquieta repouse na presença do Deus repousante[71].

Portanto, o sábado atesta que o criar não é uma atividade de Deus deste dia, mas de sua gratuidade, almejando a santificação da criação neste dia selecionado para si. Deste modo, Ele escolhe não uma criatura apenas ou um simples espaço, mas um tempo subsistente em si mesmo sem criaturas novas. "Por isso, a criação é vista na perspectiva do tempo, dos acontecimentos, das gerações e não segundo espaços"[72]. Logo insurge aqui percepção da paternalidade de Deus, declarando seu cuidado inestimável e manifestando sua afeição incondicional a toda criatura como reflexo do seu amor presente na Trindade, Comunidade perfeita.

2.3 Trindade e criação

A teologia cristã concebe Deus como uma unidade indissolúvel de Três Pessoas que constituem um único Deus. Portanto, na intrínseca existência e modo de agir de Deus, não

---

[68] Gn 2, 2-3
[69] JUNGES, op. cit., 2001, p. 52
[70] MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação:** doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 56.
[71] JUNGES, op. cit., 2001, p. 53
[72] Ibid.

está um Ser distante e solitário, mas uma comunhão de amor manifestada pela íntima relação de amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Neste sentido é significativo destacar que Leonardo Boff procurou desenvolver um pensamento trinitário no qual se encontra inicialmente o seu conceito de pericórese. Aliás, esta era uma compreensão da teologia escolástica a qual defendia a íntima relação da criação com a Trindade tendo o "Pai como principio unificador realizado por meio do seu Verbo e do seu amor que é o Espírito Santo"[73].

No entanto, recentemente os escritos de Boff sugerem uma passagem, observando a nova cosmologia que entende o mundo como um "superorganismo vivo articulado com o inteiro universo em cosmogênese"[74]. Ao invés de pericórese ele passa a evidenciar o termo panenteísmo[75]como uma atualização dos níveis teilhardianos de transcendência, imanência e transparência de Deus no mundo. Para ele o panenteísmo é uma consequência e um aprofundamento da cosmologia contemporânea, pois esta enfatiza a presença de Deus que vem misturado com todos os processos sem se perder dentro deles.

Há pois, uma estreita relação entre Deus e a criatura, que acentua a transparência de Deus no mundo criado, manifestado, de modo especial, em Jesus, o seu Filho. Segundo Cl 1, 15-20, Cristo é o fundamento de todas as coisas porque tudo foi criado n"Ele, por Ele e para Ele. 'Por meio d'Ele e através d'Ele encontramos suas formas de comunhão; todas as coisas estão firmadas por Deus, n'Ele' e são preservadas por meio de sua presença nelas, na existência e na vida. Portanto, "a criação adquire seu sentido último e definitivo com sua integração em Jesus Cristo. Tende para Ele, como para o fim, tudo o que por Ele teve princípio"[76].

Por isso, a criação é este ato livre de Deus, não condicionado as suas necessidades, mas a uma autocomunicação amorosa de ser que já acontece dentro da própria Trindade. Dito de outro modo, "a comunicação *ad extra* na criação é possibilitada pela comunicação *ad intra* na Trindade"[77]. Deste modo, o dom do Espírito Santo possibilita a emergência da nova criação e configura o novo modo de Deus está presente, pois ela é, desde o início, um sistema aberto, que não tem em si mesmo seu fundamento, sua meta e seu equilíbrio. Por isso, a

---

[73] FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. **Mysterium salutis:** a histórica salvífica antes de Cristo. vol. II. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 79.

[74] BOFF, op. cit., 1995, p. 157.

[75] Boff faz questão de salientar que panenteísmo não é panteísmo. No primeiro temos a ideia de que Deus está em tudo sem que tudo seja Deus. No panteísmo, não há nenhuma diferença, pois tudo é Deus e Deus é tudo. Ele está presente permanentemente em sua criação de modo marcante. Deus e o mundo são diferentes, mas não estão separados ou fechados. Estão abertos um ao outro. (Cf. BOFF, op. cit., 2008, p. 66-67).

[76] LA PEÑA, op. cit., 1989, p. 63.

[77] JUNGES, op. cit., 2001, p. 13

missão do Espírito é levá-la a sua "consumação final uma vez que ele recolhe os gemidos das criaturas ansiosas pela libertação"[78]; e harmoniza por meio de sua presença e ação, a morada de Deus no âmbito de toda a criação, fazendo da mesma o seu próprio templo.

2.4 A criação e a Igreja

A missão da Igreja sempre foi voltada à defesa da vida e a promoção humana. Não são raros os seus escritos que conclamam pelo cuidado e a vida na natureza, como também, oferece uma nova perspectiva da teologia da criação diante da atual crise ecológica. Prova disso é a mensagem do Papa João Paulo II que ostenta a paz com Deus criador, paz com toda a criação de 1° de Janeiro de 1990. Nela o seu ponto de partida é a constatação de que:

> A paz mundial se encontra ameaçada, não só pela corrida armamentista, mas igualmente pelos conflitos regionais e pelas injustiças ainda existentes nos povos e entre as nações, bem como, pela falta do devido respeito à natureza, pela exploração desordenada de seus recursos e pela deterioração progressiva da qualidade de vida (...) está sendo formada, assim, uma consciência ecológica, que não deve ser combatida, mas, pelo contrário, favorecida, de modo que se desenvolva e amadureça encontrando uma adequada expressão em programas e iniciativas concretas[79].

Contudo, tal favorecimento deve proporcionar a passagem de uma clara consciência a uma conversão ecológica, por meio da qual o homem moderno deve se sentir convidado a ter presente os bens da Terra como criados por Deus e, assim caracterizar sua ação perante a criação como ato de gratidão e reconhecimento. Desta forma, ele redescobre a natureza na sua dimensão de criatura, estabelecendo com ela uma relação comunicativa, colhendo o seu "significado evocativo e simbólico e penetrando assim no horizonte do mistério da criação, pois o mundo se oferece ao seu olhar como pegadas de Deus, lugar em que se desvela a Sua força criadora, providente e redentora"[80].

O Papa Bento XVI na mensagem pelo dia mundial da paz de 1° de Janeiro de 2010 destaca a criação como herança à humanidade inteira e convida a reavaliar a crise ecológica partindo do próprio conceito de desenvolvimento e a visão do homem e das suas relações com os semelhantes e com a criação. A situação atual exige, diz o Papa "o estado de saúde

---

[78] Rm 8, 22

[79] JOÃO PAULO II. **Paz com Deus criador paz com toda a criação.** Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace_po.html. >. Acesso em 04 Mar. 2011. n., 1.

[80] PONTÍFICIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. op. cit., p. 272.

ecológica da Terra"[81] e reclama, sobretudo, a crise cultural e moral do homem, cujos sintomas há muito tempo que se manifestam por toda a parte.

O Papa adverte contra as tendências atuais que também levam a considerar o ser humano como um perigo para a natureza. Ele chama atenção para a nova concepção, segundo a qual se "elimina a diferença ontológica e axiológica entre a pessoa humana e os outros seres vivos"[82], e assim, a identidade e função superior do homem. Favorece, pois, uma visão igualitarista da dignidade de todos os seres vivos e este "igualitarismo" falso faz parte, explica o Papa, de um "novo panteísmo com acentos neopagãos que fazem derivar apenas da natureza, entendida em sentido puramente naturalista, a salvação para o homem"[83].

Por sua vez, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, vem dando significativas contribuições nessa causa ecológica. Ainda em 1979 ela lançou a Campanha da Fraternidade com um tema voltado para a questão ecológica, cujo tema era: "Por um Mundo mais Humano" e o lema: "Preserve o que é de todos". Em maio de 1992, no ano da Conferência da ONU sobre "Meio Ambiente e Desenvolvimento" (Rio 92), a CNBB realizou um Seminário sobre "Ecologia e Desenvolvimento"; em 2011, a Campanha da Fraternidade trouxe como tema: Fraternidade e vida no planeta e o lema: "a criação geme em dores de parto" (Rm 8, 22).

Diante desta visão, conclui-se afirmando que os relatos da criação sintetizam um contexto teocêntrico e não antropocêntrico, e embora o homem seja parte de toda a criação, ele dela se distingue ontologicamente, como assegura o Papa Bento XVI; Cristo é o modelo por meio do qual toda a criação anseia e deseja alcançar a plenitude porque ela toda O tem como princípio, meio e fim. Por isso, a visão cristã da criação não é propriamente linear como acusava White, mas messiânica, isto é, como lugar da manifestação dos sinais da nova criação.

E o método a ser usado pela teologia da criação para que evidencie este fim é a integração dos diversos acessos à natureza, ou seja, "o da tradição, da experiência da ciência e da sabedoria, da dedução e da intuição"[84].

Deste modo a Igreja pretende mostrar a sociedade que é preciso ampliar os horizontes quanto a esta questão. Não tratá-la apenas dentro dos parâmetros economicistas, mas ressaltar sua dimensão social e política e colocá-la à luz de critérios teológicos e éticos para que seja

---

[81]BENTO XVI. **Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação.** Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_benxvi_mes_20091208_xliii-world-day-peace_po.html>. Acesso em: 04 Mar. 2011. n. 5.

[82] Ibid.

[83] Ibid.

[84]KERBER, op. cit., p. 175

entendida na sua totalidade. Daí a questão ecológica ser também a sua preocupação, pois diante da atual crise o que está em jogo não é apenas a natureza, mas o próprio homem e o que ele dela fez.

CAPITULO III
TEOLOGIA ECOLÓGICA: O CUIDADO COM A CRIAÇÃO

Neste capítulo, serão evidenciadas as nuances da ecologia a fim de proporcionar ao pensamento teológico uma maior inter-relação dos estudos que sucedem de outras ciências, mas também apresentar a teologia na perspectiva ecológica, destacando a importância do homem como ser de relações, despertando-o para consciência planetária e defendendo uma concepção unitária que não exclui, mas defende e inclui a biodiversidade.

Nos capítulos anteriores, colocou-se que há lugar para o paradigma ecológico na teologia contemporânea. Por exemplo, no resgate da teologia da criação e se ela tem lugar, evidentemente, tem algo a contribuir e uma delas é a resposta à seguinte pergunta: o que a crise ecológica provoca no pensamento contemporâneo da teologia?

É certo que esta crise é civilizacional e revela, no seu âmbito, um declínio dos atuais sistemas econômicos, políticos, sociais, ideológicos, ambientais e, porque não dizer, religioso, pois em síntese também revela a crise existencial do homem e da sua fé com o próprio Deus.

Por isso, suscita com a reflexão ecológica uma cooperação e um dinamismo conjunto com a intenção de incluir a defesa da vida em todos os segmentos, entendendo que a ecologia quer enfatizar o "enlace existente entre todos os seres naturais e culturais e sublinhar a rede de interdependências vigente entre tudo formando uma unidade dinâmica feita das diversidades"[85]. Consequentemente, ela requer uma teologia com abertura às contribuições das ciências que têm a ver com a vida e com a realidade cósmica, não significando, literalmente, uma omissão dos seus princípios e verdades da fé, pois esta requer, necessariamente, este dado como substrato.

Diante deste ponto de vista, surge o questionamento se é possível uma teologia ecologicamente da vida? E, se é possível, qual é o fio condutor condicionante para que ela alcance tal fim? Para respondê-lo, inicialmente, se deve destacar que a origem do universo e da vida sempre inquietou a humanidade. "Desde as primeiras civilizações das quais temos notícias, o ser humano vem formulando as suas respostas, muitas das quais se encontram em narrativas míticas chamadas cosmogonias ou teogonias"[86]. Estas buscas pelas explicações do

---

[85] BOFF, op. cit., 2008, p. 26.
[86] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, op. cit., 2010, p. 82.

nascimento de tudo que existe no universo remontam ao dilema da criação e evolução, tema bastante debatido, quer no campo científico quer no campo religioso, o que não vem ao caso para o presente trabalho.

A ecologia, portanto, almeja chamar a atenção para a vida no seu sentido mais amplo identificando as causas dominantes sobre este dom, uma vez que elas não impõem limites aos seus desejos. Tanto "a pobreza como a riqueza, produz desequilíbrios ecológicos"[87], por isso que a vida é o objeto da ecologia e não deve ser reduzida a uma pura realidade biológica bruta e isolada, como descreve Junges:

> A vida depende de processos interdependentes e inter-relacionados que estão em equilíbrio. Assim a vida de cada ser vivo não é uma realidade autossuficiente que se basta a si mesmo. Ela depende de diferentes fatores que possibilitam a sua reedição. A vida não se reproduz na autossuficiência. Ela necessita colaboração e cooperação para que existam as condições viáveis de sua existência. Por não ser autossuficiente, a vida é essencialmente frágil e vulnerável. Nisso consiste justamente o seu milagre. Apesar da sua vulnerabilidade, a vida teima em subsistir em sua exuberância e variedade[88].

O homem deve, assim, mostrar admiração e respeito por este milagre, compreendendo a sua missão de criatura em virtude deste dom, pois onde há vidas há homens e onde há homens há vidas. Não são duas forças opostas, mas se atraem e se relacionam entre si. Daí a necessidade de uma "revolução na mente humana sem a qual será impossível uma revolução na relação pessoa/natureza"[89].

Para a teologia, no seu caso, realizar esta função "deverá assumir a reflexão da teologia da criação e da antropologia teológica como forma de manter seu discurso como eminentemente teológico"[90]. Isso requer duas considerações importantes. A primeira é que o homem faz parte de toda a criação, porém, ontologicamente, diferente das demais criaturas porque ele é feito à imagem e semelhança de Deus. Sendo assim, é destinatário do amor de Deus e chamado a ser instrumento da graça divina.

A segunda se refere à própria criação como ação criadora de Deus, mas que está aos cuidados do homem. É claro que ela, como um todo, não se encontra com as mesmas proporções de criação inicial, algo mudou e muito, e isso se deve à ação do próprio homem em relação com a mesma. Identificar estas mudanças e propor soluções constitui o desafio da ecologia.

---

[87] BOFF, op. cit., 2008, p. 38.
[88] JUNGES, op. cit., 2011, p. 33-66
[89] BOFF, op. cit, 2008. p. 51.
[90] GONÇALVES LOPES; CANATTA, op. cit., 2008, p. 27-95

3.1 Contribuição da ecologia para a Teologia

A proposta da ecologia para a teologia contemporânea não é um ofuscamento do homem ou uma condenação de sua maneira de agir, tampouco um "endeusamento da natureza", invertendo os valores e os cuidados. Ela aspira, no entanto, questionar os modos atuais de relações e sistemas nos quais a humanidade hoje está inserida e que, por sua vez, não corresponde, adequadamente, aos desafios postos por ela mesma diante da realidade.

A teologia como ciência, também sofre os impactos provocados pelas mudanças do tempo, mesmo sendo Deus seu objeto imutável, as maneiras de apresentá-lo devem se ajustar a cada situação histórica. Recentemente a Conferência dos Bispos do Brasil chamou atenção para o nosso tempo afirmando que "estamos diante de uma globalização que não é apenas geográfica, no sentido de atingir todos os recantos do planeta. Estamos, na verdade, diante de transformações que atingem também todos os setores da vida humana, de modo que já não vivemos uma época de mudanças, mas uma mudança de época"[91].

Neste sentido, a ecologia quer colaborar no âmbito teológico apresentando elementos com discursos mais atualizados, a fim de propor uma aproximação, e ao mesmo tempo, uma contribuição condizente às mudanças hodiernas. O seu esforço é mostrar que, por meio, da interdependência, da ética do cuidado, da concepção da natureza como criação de Deus e da responsabilidade, é possível um cosmos mais igualitário e inclusivo.

3.2 Princípio da Interdependência

Embora o avanço da ciência e da tecnologia tenha o seu real significado e importância, o ser humano é por natureza um ser de relações e esta necessidade intrínseca o leva a ser dependente entre si e com os demais seres do cosmos. Por isso, há uma exigência básica segundo a qual deve se relacionar para todos os lados, desenvolvendo assim, uma compreensão interdisciplinar, ou seja, "uma atitude de relacionar tudo pelas causas: ver as coisas em sua genealogia"[92].

---

[91] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015.** 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2011. p. 32

[92] BOOF, op. cit., 2008. p. 26.

Esta atitude o leva a uma mudança de postura no mundo, pois ele deixa de ser o centro de tudo, do cosmos, do Estado, da política, da economia, da religião, para se tornar ser em religação; deixa de dominar para se tornar cuidador"[93].

3.3 Princípio da Ética do cuidado

O relato da criação javista, apresentada no segundo capítulo, mostra a relação do ser humano com a Terra. Ele é o *Adam* que saiu do seio do *Adamah*. Inicialmente, há uma íntima relação entre ambos que, aos poucos, foi se desgastando pelo aproveitamento egoísta e a depredação da própria Terra. Deste modo, o cuidado exigido nos dias de hoje passa pela tentativa do retorno àquele estado inicial porque os sinais que comprovam a necessidade deste retorno são retratados nos terremotos, nos desmatamentos, na biodiversidade ameaçada, no aquecimento global, etc.

Quando o texto base da Campanha da Fraternidade de 2011 fala desta realidade, ele adverte, parafraseando uma expressão audaciosa. Diz o texto: "o caminho tende à catástrofe planetária e podemos ir ao encontro do destino dos dinossauros"[94]. De certa forma, é uma expressão forte, mas chama a atenção para a gravidade da questão convocando o homem a refazer sua conduta de dominação a uma administração com sabedoria, ou por não dizer, de uma "ética do egoísmo a uma ética do cuidado"[95]. A preocupação ecológica da criação, neste sentido, é justamente esta de se ocupar deste cuidado do ser humano com a natureza e seus semelhantes.

3.4 Princípio da natureza como criação de Deus

O paradigma que a ecologia suscita para a teologia contemporânea desponta uma concepção equilibrada da natureza que não significa "sacralizá-la nem como realidade divina nem como realidade demoníaca"[96]. Por esta razão, uma teologia ecológica deve partir, tendo Deus como princípio e origem de tudo e que toda criação não existe fora dele, mas, ao mesmo tempo, não deve reduzi-Lo apenas a esta realidade. Deus é mais e não depende simplesmente da criação como uma única maneira de se manifestar.

---

[93] TAMAYO, Juan José. A ecologia como lugar de encontro no diálogo inter-religioso. In: SUSIN, Luis Carlos; SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. (Orgs.). **Nosso planeta, nossa vida:** ecologia e teologia. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 111-123.

[94] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, op. cit., 2010, p. 55.

[95] Ibid.

[96] TAMAYO, op. cit., p. 111-123

Por outro lado, a natureza como criatura de Deus, é um "mundo" contingente, temporal e predisposto às mudanças provocadas pela subjetiva ação humana. Assim, ela espera pela volta do seu estado paradisíaco a fim de ser libertada da escravidão e dos gemidos, como diz São Paulo:

> A criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu – na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre em dores de parto até o presente[97].

A referida expectativa de São Paulo aponta para uma responsabilidade do homem para com a criação e com as futuras gerações. Ela não pode ser usufruída ao bel-prazer como se as futuras gerações dela não mais precisassem. Esse foi o pensamento que vigorou até a presente geração, mas que a experiência mostra o seu vazio e a sua tendência autônoma como se tivesse adquirido status próprios e dinamismo inevitáveis. Por isso, a necessidade atual de compreender "o mundo como a gramática de uma possível auto-comunicação de Deus"[98] na qual Deus continua a falar ao homem e este persiste em respondê-Lo.

3.5 Princípio da responsabilidade

A relação do homem com a natureza foi sempre regulada pela postura daquele em procura de adaptação, admiração, mas também da busca de dominação desta. No entanto, o seu agir dominante foi mais compulsivo do que a sua atitude de admirador, o que proporcionou uma dimensão maior na atual crise como hoje testemunhamos.

A fim de clarear esta problemática e propor um indicativo a esta situação, Hans Jonas[99] propôs uma ética baseada no princípio da responsabilidade, apresentando um novo paradigma ético-ecológico, no qual uma ética atual tem por missão se preocupar com o futuro, pretendendo proteger os nossos descendentes das consequências das nossas ações presentes.

---

[97] Rm 8, 19-22.

[98] O pensamento teológico na atualidade é devedor, mas em profundidade, à reflexão de Karl Rahner. O projeto de auto-comunicação de Deus no qual a revelação é uma auto-manifestação de Deus, é uma auto-revelação; e essa auto-comunicação de Deus responde e vem ao encontro da "abertura" ou "receptividade" humana que está à procura e à espera de uma resposta válida e coerente para suas perguntas sobre o Ser e a Vida. (Cf. SILVA, Gilberto. **Teologia contemporânea.** Disponível em http://teologia contemporânea. blogspot.com/2008/02/karl-rahner-1904-1985.html. Acesso 19 out. 2011.

[99] Hans Jonas nasceu em 1903 em Monchengladback, na Alemanha. De origem judia, teve o período inicial de sua formação humanística na leitura atenta dos profetas hebreus. Segundo ele o homem não pode construir seu destino baseado numa cega ordem de fenômenos de grande poder de transformação e destituída de valores éticos. (Cf. SIQUEIRA, José Eduardo de. **Hans Jonas e a ética da responsabilidade.** Disponível em <http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/hansjonas_siqueira.pdf>. Acesso em 25 out. 2011).

Para ele o princípio da responsabilidade pode ser formulado de maneira positiva e negativa: "age de tal maneira que as consequências de tua ação reforcem a permanência da autêntica vida humana sobre a Terra... age de tal maneira que as consequências de tua ação não sejam destruidoras das futuras condições de vida"[100].

Estas máximas morais têm um valor inegável que apontam para a justiça, a caridade e possuem um valor para a vida diária e as ações imediatas do homem, pois ele carrega o passado, alimenta o presente e planta o futuro; um ato irresponsável seu é justamente o "exercício do poder sem a observação do dever, ou seja, uma quebra da relação de confiança presente na responsabilidade"[101]. Deste modo, enquanto o homem usa apenas o seu poder, sem recordar o dever, exclui a dignidade da própria natureza, uma vez que a preservando também significa preservá-lo nas suas futuras gerações.

Este imperativo de Hans Jonas estabelece, com efeito, uma ideia vigente segundo a qual cuidar da natureza é uma responsabilidade do próprio homem na sua condição de *homo sapiens* passando pela sua dimensão coletiva e culminando na tarefa de preservá-la como uma obrigação inerente a sua existência. Negar esses cuidados é eliminar as possibilidades das vidas futuras nas suas mais diversas concepções, manifestando-se uma realidade contrária e própria do seu ser como seres de relações.

3.6 A categoria do humano como ser de relações

Os relatos bíblicos da criação apresentam o homem como ser de relação. Deus o chama para cooperar com a criação e lhe concede a liberdade para se relacionar com as demais criaturas tendo estas os nomes por ele indicados[102]. Neste sentido, a sua maneira de se relacionar, criado à imagem e à semelhança de Deus, com as demais criaturas, revela a união intrínseca das Três pessoas da Santíssima Trindade, cuja manifestação plena se dá no e pelo amor. Desta forma, o homem carrega em si mesmo a forma da comunhão e da inter-relação com tudo o que foi criado e, por assim dizer, o reflexo da união intrínseca entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Porém, o pecado o fez se desligar desta comunhão, criando lacunas entre as criaturas e concebendo-as não dependentes, mas como uma luta desenfreada pela ganância e o poder

---

[100] JONAS, Hans. **O princípio da responsabilidade:** ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa; Luis Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: ed. PUC-Rio, 2006. p. 47.
[101] Ibid., p. 168.
[102] Gn 2, 19

absoluto sobre uma das outras gerando conflitos e dores. Este fato personificado na desobediência de Adão e Eva mostra que:

> Quando Adão pecou, precisamente por não respeitar esse limite *(de dependência)*, ele perturbou a harmonia não só das relações entre Deus e a pessoa humana, mas também aquela entre sua pessoa e o mundo. Como desdobramento desse pecado, o mundo tornou-se efetivamente um ambiente hostil para a pessoa humana. A partir daí, a terra produziria espinhos e cardos, e o homem seria obrigado a cultivar a terra com o suor de seu rosto (Gên. 3, 18-19). A revolta da pessoa humana contra Deus também originou a revolta da terra[103].

Em consequência da ruptura dessa harmonia houve a crescente materialização de toda a criação, tirando dela a sua dignidade de criaturas de Deus com a categoria de boa, para uma concepção de que tudo é possível e potencialmente aberta para a ação do homem fazer dela o que bem quiser. Essa tomada de iniciativa levou a inversão da missão conferida por Deus a ele, passando de cultivador para predador da própria criação.

Como apresentar, nos dias de hoje, uma teologia ecológica levando em consideração o que foi dito e, ao mesmo tempo, sendo ela uma luz capaz de clarear as trevas da atual crise tendo o homem como ponto de partida? Evidentemente que o primeiro passo é resgatar a imagem do próprio homem como este ser de relações "vivenciando a sua dignidade humana e honrando a criatividade originária por intermédio de ações junto à natureza planetária"[104], depois destacar a sua responsabilidade em cuidar do planeta, concebendo-o teologicamente com um "jardim que necessita de toda atenção do jardineiro"[105] que com as palavras compreendidas no Livro da Sabedoria seria chamar a sua existência para "governar o mundo com piedade e santidade"[106].

Outro aspecto da teologia ecológica deve se desenvolver numa dimensão existencial segunda a qual o homem, imerso nesta condição criatural e, por isso, envolvido nas mais diversas estruturas dos sistemas capitalistas, econômicos e dos conhecimentos válidos das ciências humanas, se vê, diante dos mesmos, limitado e incapaz de compreender e enfrentar os problemas humanos sozinhos. Chega, pois, um momento em que ele se pergunta pelo sentido último de todas as coisas, e aqui cabe exatamente à teologia propor o que ela possui de próprio que é "uma visão global do homem e da humanidade"[107].

---

[103] KEENAN, Marjorie,. **O cuidado com a criação:** a atividade humana e o meio ambiente. Tradução de Luis Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2005. p. 37 *(grifo nosso)*

[104] GONÇALVES LOPES; CANATTA, op. cit., 2008, p. 27-95

[105] Ibid.

[106] Sb 9, 3.

[107] PAULO VI. **Octogesima adveniens.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. n., 40.

Decorrente dessa afirmação, é o cuidado e a observância que se deve ter com o direito que o homem tem, mas também aquele do qual a terra é possuidora. Aliados aos direitos humanos devem ir, portanto, os direitos da terra, pois um não termina nem se sobrepõe ao outro.

3.7 O direito do humano e o direito da Terra

Nos últimos séculos tem-se vividos situações diversas no planeta por conta do modelo de civilização que o homem adotou para si mesmo. O avanço tecnocientífico concebeu, muitas vezes, o homem não como um fim e sim um meio para se alcançar os seus objetivos e, como se isso não bastasse, também a Terra foi sua vítima. Aos poucos o próprio direito do homem e da Terra foram sendo substituídos pelas concepções de que ele deve sempre produzir e a natureza continuamente proporcionar a matéria prima porque, segundo este pensamento, ela constitui uma fonte inesgotável.

Há pois, como consequência dessa nova realidade, um distanciamento daquela presente nos relatos bíblicos da criação que culmina com a benção e o descanso de Deus no sétimo dia. Isso implica um ofuscamento da necessidade do descanso tanto do homem como da Terra e, ao mesmo tempo, a perda da experiência do sagrado do universo.

O modelo de desenvolvimento criado pelo homem herdou da Terra o seu direito e, decorrente dessa sua atitude, teve que criar leis a fim de impor nele mesmo os limites do seu poder sobre ela. Deste modo, no Brasil, a Constituição da República Federativa, no Artigo 225 incumbe ao Poder Público de preservar o meio ambiente, afirmando que "todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado [...] defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações"[108].

Neste esforço de preservar, duas atitudes, tornam-se imprescindíveis: a primeira está em consonância com a chamada de atenção que o Papa Bento XVI declarou na mensagem pelo dia mundial da paz de 1° de janeiro de 2010 quando afirma a "exigência do estado de saúde ecológica da Terra... redescobrindo aqueles valores que constituem o alicerce firme sobre o qual se pode construir um futuro melhor para todos"[109].

---

[108] BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988. Art. 225.

[109] BENTO XVI. **Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação.** Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_benxvi_mes_20091208_xliii-world-day-peace_po.html>. Acesso em: 04 Mar. 2011. n. 5

A segunda constitui no chamado resgate da dimensão do sagrado. Assim diz L. Boff quando remete a esta atitude:

> Sem o sagrado, a afirmação da dignidade da Terra e do limite a ser imposto ao nosso desejo de imploração de suas potencialidades permanece uma retórica sem efeito. O sagrado constitui uma experiência fundadora. É ele que subjaz às grandes experiências sobre as quais se construíram as culturas no passado e a própria identidade profunda do ser humano[110].

A descrição do referido autor faz sentido, sobretudo, quando se relaciona com o início da história da humanidade na qual se evidencia o sagrado em íntima relação com o cosmos. Posteriormente, o acontecimento crucial foi exatamente este, ou seja, "a profanidade reduziu o universo a uma realidade inerte, mecânica e matemática e a Terra a um simples repositório de recursos entregues à disponibilidade humana"[111].

A missão da ecologia num âmbito teológico deve pois, ter presente justamente estas nuances de levar o homem contemporâneo a se reencantar pela criação despertando nele o seu fascínio e orientando-o para a sacralidade da mesma, aprofundando com isso seu respeito, temor e veneração, como formas de integrar o seu direito e o da Terra num único modo de agir.

3.8 Uma espiritualidade cósmica

Nas últimas décadas tem-se desenvolvido uma corrente espiritual caracterizada por uma "energia vinda da natureza", da qual a pessoa humana, entrando em contato com alguns dos seus elementos, recebe uma força energizante. A ecologia, por sua vez, não tem este princípio como norteador, pois o seu alvo é algo mais concreto e imperativo.

O que ela propõe é um sadio agir humano relacionado com a integridade da criação, por isso, uma espiritualidade cósmica seria, portanto, a restauração da comunhão e da relação do homem com a natureza, pois quando ele se afasta do desígnio de Deus criador, provoca uma desordem que se repercute inevitavelmente sobre o resto do universo.

Assim descrevia o Papa João Paulo II: "se o homem não estiver em paz com Deus, também a própria Terra não estará em paz: por isso a Terra está de luto, desfalecem quantos

---

[110] BOFF, op. cit., 1995, p. 179.
[111] Ibid. p. 180.

nela habitam com os animais do campo e as aves do céu; por fim, até os peixes do mar perecerão (Os 4, 3)"[112].

A recuperação deste equilíbrio perdido, no sentido fraterno e ecológico, passa, necessariamente, pelo coração do homem e pela renovação de suas relações com a natureza e com seus irmãos. Assim sendo, a libertação total da humanidade tem estreita ligação com a libertação da natureza, em que os "novos céus e novas terras"[113] revelarão o esplendor do próprio Deus.

Contudo, outra marca desta espiritualidade é o novo espaço para a prática e a vivência da solidariedade por meio do qual o ser humano é responsável por ele mesmo e co-responsável pela vida e bem-estar de todos, incluindo a natureza como consequência de um querer e um bem pessoal e coletivo. Deste modo, a sua ação se concretiza na prática da genuína solidariedade, fundada no amor e no serviço concebendo às futuras gerações uma vida mais digna e ecológica.

Certamente, muitos destes gestos de hoje foram precedidos de outros merecedores de destaque como testemunhas na prática deste amor solidário. Assim temos "São Boaventura em seu Itinerário da mente para Deus, São Francisco no seu famoso Cântico ao Irmão Sol e Teilhard de Chardin em A missa sobre o mundo e em seus muitos escritos e cartas, que se enchiam de emoção quando se deixava tomar por esta consciência cósmica"[114].

No entanto, mesmo diante destes significantes esforços, tanto no presente como no passado da história, não se pode negar que alguns sinais visíveis de destruição do nosso planeta continuam avançando. Neste sentido, pergunta-se se será possível ainda dar remédio aos danos provocados e se os mesmos são suficientes para a salvação do planeta.

É evidente que, para o tamanho do problema, uma solução adequada não pode consistir simplesmente numa melhor gestão ou num uso menos irracional dos recursos da Terra. Muito embora se reconheça a utilidade prática de semelhantes providências, a crise exige mais cuidados e precisa examinar a fundo, enfrentando no seu conjunto a sua gravidade.

Deste modo, o respeito pela vida e o sentido da integridade da criação constituem os princípios essenciais para construir uma sociedade mais justa e solidária. Fatores tais que impõem uma revolução espiritual como exigência da sensibilidade atual e da gravidade dos problemas existentes.

---

[112] JOÃO PAULO II. **Paz com Deus criador paz com toda a criação.** Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace_po.html. >.Acesso em 04 Mar. 2011. n. 5

[113] Is 65,17-25

[114] BOFF, Leonardo. **Evangelho do Cristo Cósmico:** a busca da unidade do Todo na ciência e na religião. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 171.

Tudo isso leva a compreender que a crise ecológica exige, de fato, novas atitudes por parte do homem porque o envolve em todos os aspectos da sua existência e isso o faz se tornar o primeiro responsável, como ser ontologicamente distinto do restante da criação, de responder aos atuais desafios, proporcionando uma maior integração e sustentabilidade do planeta.

CONCLUSÃO

A crise ecológica nos dias atuais suscita reflexões diante dos paradigmas existentes na sociedade. Como pode ser observado no desenvolver desse trabalho, a atual crise não se caracteriza apenas como um movimento em que se alimenta a visão segundo a qual se queira advogar por uma natureza intocável, ou seja, como se o homem não pudesse nela por as suas mãos, mas lança luzes diante dos desafios, almejando ser para os mesmos um indicativo.

A questão ecológica em apreço assume maiores dimensões, tendo em vista o envolvimento, a responsabilidade e o compromisso de todos, conforme aspectos determinantes da mesma, onde se procurou ilustrar, indicando a necessidade de esforços conjugados com a finalidade de estabelecer deveres e tarefas que competem ao homem individualmente, mas igualmente a toda a humanidade com a missão de preservar a harmonia com vistas ao bem estar das futuras gerações.

Decorrente dessa concepção pode-se elencar três situações como elementos principais e contribuintes do paradigma ecológico para a teologia contemporânea: O primeiro, numa dimensão mais social, consiste na compreensão dos problemas da humanidade dependentes do sistema de relações existentes entre o homem e o meio ambiente que o cerca.

Como afirmamos no primeiro capítulo, desde o princípio da humanidade, o homem manteve sua relação com a natureza, contudo, com o alvorecer da revolução industrial e da técnica, houve a reviravolta e "o fracasso inequívoco das suas tentativas em organizar a sua 'casa' na base do progresso"[115], isso gerou, segundo João Paulo II, um erro antropológico com o qual o homem não concebendo mais a criação como doação originária de Deus, submeteu-a às suas próprias vontades e caprichos.

Para justificar esta atitude, o homem acusou a religião judeu-cristã como principal responsável por introduzir uma ideia de submeter e dominar toda a criação. Aqui nasce, portanto, a segunda contribuição da ecologia para a teologia, isto é, convidá-la para o resgate

---

[115] MOSER, Antônio. **Teologia moral:** desafios atuais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 153

de alguns elementos da criação. Este impulso foi destacado no segundo capítulo, no qual se evidenciou os primeiros relatos bíblicos do Gênesis a fim de fundamentar, inclusive demonstrar que aquela visão equivocada e reducionista norteia uma compreensão errônea dos contextos e nuances da época de suas redações.

No entanto, é claro que não se pode excluir a dimensão confiada por Deus ao próprio homem de ser cooperador da criação, tornando-o ontologicamente diferente do restante e proporcionando a soberania de cuidar dela integrando as suas partes em um conjunto harmonioso. Portanto, a crise ecológica além de revelar toda a situação do planeta, inclusive a do homem em face da mesma, desperta na teologia, uma releitura da criação. A partir deste pressuposto, ela constitui um objeto de reflexão teológica, como resposta à pergunta formulada nos seguintes moldes: o que a crise ecológica provoca no pensamento contemporâneo da teologia?

Neste sentido, se a primeira contribuição direciona-se mais no âmbito social, a segunda, numa dimensão bíblica, a terceira consiste no plano de uma teologia ecológica onde uma reflexão maior mostre como o "objeto fundamental da investigação – Deus – à luz desse novo paradigma, com a finalidade de contribuir na recuperação criacional da vida planetária e desenvolver uma espiritualidade cósmica denotativa de que o Espírito da vida continua a agir"[116]. Daí a preocupação com o problema ecológico visto que o mesmo não seja apenas uma atitude defensiva e apologética, mas dialogal, possibilitando vínculos de comunhão e interdisciplinaridade entre as várias ciências.

Como resultado dessa interação sobressai a urgência da passagem do paradigma de conquista para o paradigma do cuidado, com vistas a reafirmar a "interdependência entre todos os seres, funcionalizando todas as hierarquias e negando o 'direito' do mais forte"[117]. Para isso, se torna indispensável ter em mente os princípios norteadores de uma teologia ecológica, isto é, a interdependência, a ética do cuidado, a natureza como criação de Deus, e a responsabilidade.

Estes elementos acima citados, unidos vislumbram a possibilidade de um novo modo de pensar e de agir, nos quais sobressai uma teologia da vida capaz de suscitar a certeza de que a destruição e a morte não se constituem a última realidade planetária e cósmica, mas a vida que há de vir, o futuro glorioso de toda a criação.

Em sua qualidade de glória divina é que a teologia ecológica defende e sustenta, tornando-se assim uma ciência consistente, relevante e pertinente na era contemporânea. A

---

[116] GONÇALVES LOPES; CANATTA, op. cit., 2008, p. 27-95
[117] BOFF, op. cit., 2008. p. 21

partir disso, compreende-se que a vida é comunicação e comunhão, pois ela lança o ser humano para dentro do grande mistério do amor da Trindade, do qual toda a criação torna-se o seu reflexo.

REFÊRENCIAS

BENTO XVI: **Caritas in Veritate:** sobre o desenvolvimento humano e integral na caridade e na verdade. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação. Disponível em **<http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_benxvi_mes_20091208_xliii-world-day-peace_po.html>.** Acesso em: 04 Mar. 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BOFF, Leonardo. **Ecologia:** grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Editora Ática, 1995.

_____. **A opção terra:** a solução para a terra não cai do céu. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **Ecologia**: política, teologia e mística. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Ecologia-mundialização-espiritualidade.** São Paulo: Record, 2008.

_____. **Ética da vida:** a nova centralidade. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **Evangelho do Cristo Cósmico:** a busca da unidade do Todo na ciência e na religião. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOSCH, David J. Missão transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão. 3.ed. Tradução de Geraldo Korndörfer; Luis Marcos Sander. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2011**: texto-base. Brasília, edições CNBB, 2010.

_____. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015.** 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2011.

COMPENDIO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2001.

DICIONÁRIO DE ECOLOGIA ILUSTRADO. **Verbete ecologia**. São Paulo: Editora Meca.

FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. **Mysterium salutis:** a histórica salvífica antes de cristo. vol. II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

BETO, Frei. **Sinfonia universal:** a cosmovisão de Teilhard de Chardin. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GESCHÉ, Adolphe. **O cosmo.** Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Deus para pensar, 4).

GONÇALVES, LOPES, Paulo Sérgio; CANATTA, Luis Fabiano. O paradigma da ecologia na teologia contemporânea. **Revista de cultura teológica,** Petrópolis, RJ, v. 16, n. 63, p. 27-95, abr./jun. 2008.

SIQUEIRA, José Eduardo de. **Hans Jonas e a ética da responsabilidade.** Disponível em <http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/hansjonas_siqueira.pdf>.

JOÃO PAULO II: **Centesimus annus.** 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2002

_____.. **Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação.** Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_benxvi_mes_20091208_xliii-world-day-peace_po.html>. Acesso em: 04 Mar. 2011.

JONAS, Hans. **O princípio da responsabilidade:** ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa; Luis Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: ed. PUC-Rio, 2006.

JUNGES, José Roque. **Ecologia e criação:** resposta cristã a crise ambiental. São Paulo: Loyola, 2001. (Coleção CES).

_____. Ética teológica: antropocentrismo ou biocentrismo? **Revista Teológica,** MG: Belo Horizonte, n. 89, p. 33-66, jan./abr. 2011.

JÚNIOR, Lynn White. **Raízes históricas da nossa crise ecológica**. Disponível em: <http://latinoamericana.org/2010/info/docs/WhitePort.pdf >. Acesso em 08 ago. 2011

KEENAN, Irmã Marjorie. **O cuidado com a criação:** atividade humana e meio ambiente. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2005.

KERBER, Guillermo. **O ecológico e a teologia latino-americano:** articulação e desafios. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

KERBER, Guillermo. **O ecológico e a teologia latino-americano:** desafios e articulações. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KÜNG, Hans. **Teologia a caminho:** fundamentação para o diálogo ecumênico. Tradução de Hans Jörg Witter. São Paulo: Paulinas, 1999. (Coleção: pensamento teológico).

KUNH, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** 5.ed. São Paulo: perspectivas, 1998.

LA PEÑA, Juan Luis Ruiz de. **Criação, graça, salvação.** Tradução de João Paixão Neto. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Teologia da Criação.** São Paulo: Loyola, 1989.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação:** doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOSER, Antônio. **Teologia moral:** desafios atuais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MÜLLER OFM, Ivo (Org.). **Perspectivas para uma nova teologia da criação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PAULO VI. **Octogesima adveniens.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

PELLIZOLI, M. L. **Correntes da ética ambiental.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PONTÍFICIO CONSELHO "JUSTIÇA E PAZ". **Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Tradução de Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**. São Paulo, Paulinas, 2005.

RUBIO, Alfonso García. **Unidade na pluralidade:** o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2001. (Coleção teologia sistemática).

SILVA, Gilberto. **Teologia contemporânea**. Disponível em http://teologia contemporanea.blogspot.com/2008/02/karl-rahner-1904-1985.html. Acesso 19 out. 2011

SUSIN, Luis Carlos. **A criação de Deus:** Deus e criação. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos (Orgs.). **Nosso planeta, nossa vida:** ecologia e teologia. São Paulo: Paulinas, 2011.